

SISTEMA CAPITALISTA E SUBJETIVIDADE

OS PARADIGMAS HEGEMÔNICOS E O CAMPO LINGUÍSTICO MARXISTA

Nildo Viana

O marxismo constitui um saber noosférico, ou seja, complexo. Ele é, ao mesmo tempo, uma episteme, um modo de pensar, e um conjunto de teorias sobre variados fenômenos, como a história da humanidade, o capitalismo, etc. Assim, enquanto uma episteme, é um pensamento autônomo e independente e qualquer outra forma de pensamento. E sua especificidade advém do fato de ser uma expressão teórica de uma mentalidade revolucionária, constituindo uma totalidade de pensamento que é antagônica ao pensamento burguês.

O marxismo emerge na sociedade capitalista, mas não constitui um pensamento burguês e nem é parte da episteme burguesa. Ele surge como uma episteme que é a negação da episteme burguesa (VIANA, 2018) e afirmação de um novo modo de pensar muito mais rico e amplo, ligado à classe social que aponta para a ruptura com a sociedade capitalista e, por conseguinte, com a episteme que lhe é correspondente, o que significa que também é antagônica às suas formas assumidas historicamente, os paradigmas, bem como as ideologias que lhes são correspondentes (VIANA, 2018; VIANA, 2019). O marxismo constitui um modo de pensar (episteme) antagônico ao modo de pensar burguês e isto é expresso no conjunto de sua produção e em seu antagonismo, por exemplo, à economia política burguesa¹. A crítica que Marx efetivou à economia burguesa pode ser vista em suas várias passagens em que isso é explicitado, seja quando critica o envolvimento valorativo e de interesse dos economistas clássicos, ecléticos e

¹ Aqui acrescentamos a palavra burguês apenas para deixar claro que a economia política tem essa posição de classe, mas ela, assim como todas as demais ciências, é burguesa em sua essência e não existe ciência que não seja burguesa. Logo, não existe uma economia política ou ciência econômica que não seja burguesa. A ciência é a forma dominante de ideologia dominante (VIANA, 2007) e por isso, mesmo que haja setores “críticos” no seu interior, e até supostamente “marxistas”, ela se constitui como uma manifestação – e a mais desenvolvida e envolvida – do pensamento burguês. Isso não impede que a ciência tenha “momentos de verdade” (VIANA, 2011), o que varia de acordo com a ciência e as necessidades/tarefas da burguesia nos diversos contextos históricos. A percepção disso só é possível da perspectiva marxista, que é crítica-revolucionária, pois da perspectiva burguesa isso é um absurdo inaceitável. A episteme marxista, que é autoconsciente, não só percebe as demais concepções, como a si mesma. A episteme burguesa, com seu campo perceptivo mais restrito, é incapaz de uma autoconsciência mais ampla, bem como de compreender a episteme marxista. Esse é, inclusive, um dos motivos para tentar desqualificar o marxismo e sua incompreensão acaba gerando sua comparação ou indiferenciação com outras formas de consciência, como a religião, etc., bem como a recusa de que o marxismo seja uma ciência, o que é correto e somente os pseudomarxistas, que não ultrapassam a episteme burguesa, insistem em reafirmar.

vulgares, seja na crítica das análises desses ideólogos em relação ao modo de produção capitalista. E, por outro lado, Marx não apenas critica a economia política, mas também analisa o que os ideólogos analisaram e apresenta uma nova explicação, o que se vê em sua teoria do modo de produção capitalista (MAIA, 2021; MAIA; VIANA, 2021).

Nesse processo, o marxismo constitui, conseqüentemente, um campo linguístico antagônico ao campo linguístico burguês. É por isso que o marxismo é deformado e assimilado cotidianamente e sistematicamente pelo modo de pensar burguês, submetendo-o à sua linguagem. A cada época do desenvolvimento capitalista, a cada regime de acumulação, e cada paradigma hegemônico, os ideólogos da burguesia visam refutar a episteme marxista, seja em sua totalidade, sejam em teorias específicas, ou então buscam assimilá-lo, com interpretações ideológicas que o domestica e submete à episteme burguesa.

Isso é facilmente perceptível quando observamos a relação do marxismo com cada paradigma hegemônico em determinado regime de acumulação². No caso do regime de acumulação intensivo, o pseudomarxismo kautskista e leninista e sua proximidade com o positivismo, tal como denunciado por alguns, especialmente nos casos mais explícitos, como, por exemplo, nas críticas endereçadas a Karl Kautsky (KORSCH, 1977) ou a Bukhárin (LUKÁCS, 1989)³. No regime de acumulação conjugado, a assimilação do marxismo pelo estruturalismo é o exemplo clássico e a obra de Althusser expressa isso da forma mais cristalina⁴. No regime de acumulação integral, o atual, esse processo assume novas formas, desta vez através da assimilação do marxismo ao paradigma subjetivista.

² Sobre os regimes de acumulação consulte-se Viana (2009a, 2015, 2019), Almeida (2020).

³ Veja-se as posições de Kautsky (1980; 2002) e Bukhárin (1970) e as críticas que estes receberam, sendo que o primeiro não obteve uma crítica mais profunda sobre o seu vínculo com o positivismo, além de Michael Löwy (1987), mas muitas afirmações sobre ter reproduzido uma concepção positivista, enquanto que o segundo foi alvo das críticas do jovem Lukács (1989), bem como de outros, embora esses outros também não tenham superado a influência positivista.

⁴ Essa concepção foi hegemônica no interior do pseudomarxismo, com poucas vozes discordantes, até que o paradigma reprodutivista, ao qual a ideologia estruturalista corresponde, entrou em crise ao lado do estruturalismo e nesse contexto apareceu uma avalanche de críticas ao althusserianismo (VIANA, 2019). O problema é que parte dessas críticas já mostravam a influência do novo paradigma hegemônico, tal como colocaremos adiante.

A assimilação do marxismo pelos diversos paradigmas (o que é acompanhado por outras manifestações do pensamento burguês que visa criticá-lo e apontá-lo como “superado”) hegemônicos da episteme burguesa mostra a força destes e, ao mesmo tempo, o seu temo diante da episteme marxista. O marxismo é o grande inimigo da episteme burguesa, não só por mostrar suas raízes sociais, efetivar a crítica de sua essência e manifestações concretas, mas principalmente por expressar teoricamente o proletariado revolucionário e ser um pensamento potencialmente explosivo.

Uma das formas pelas quais se busca assimilar o marxismo é através da linguagem. O marxismo possui um campo linguístico próprio, que é formado pelas categorias da dialética e pelos conceitos do materialismo histórico e das teorias específicas criadas por ele, tal como a teoria do capitalismo, a mais aprofundada e, por conseguinte, a que mais ampliou o campo linguístico marxista (MAIA, 2021; MAIA; VIANA, 2021). O campo linguístico marxista muitas vezes assimila termos do campo linguístico da episteme burguesa, mas, como ocorre em toda assimilação, ela gera uma transformação, no qual o termo ganha outro significado, tendo maior ou menor proximidade dependendo do caso. Da mesma forma, o campo linguístico burguês assimila os termos do marxismo realizando o que se denomina, em semântica, “mutação de sentido” (GUIRAUD, 1976)⁵. A luta em torno do signo é mais complexa do que afirmou Bakhtin (1990), embora ele traga algumas contribuições para se pensar esse processo.

Quando ideólogos burgueses ou pseudomarxistas exportam termos do campo linguístico da episteme burguesa para o marxismo, contribuem para a deformação deste. Especialmente se não há uma assimilação, uma mutação de sentido, tal como ocorre muitas vezes no ecletismo do pseudomarxismo, mas também quando se muda o sentido parcialmente e se vincula às ideologias, concepções, paradigmas, antagônicos

⁵ O leitor atento observará que aqui foi citada a semântica, que alguns consideram uma “ciência particular” ou um “ramo da linguística”, bem como recordará a crítica da ciência ao colocá-la como “forma dominante da ideologia dominante”, o que significa que isso se aplicaria a tal manifestação particular do pensamento científico. Tal leitor poderia perguntar: isso não é contraditório? A resposta é negativa, pois as ideologias e o pensamento burguês têm momentos de verdade e essa afirmação da semântica é verdadeira e por isso pode ser retomada por uma análise marxista e isso não significa uma concordância com a totalidade da obra citada e nem da especialização da qual ela é expressão. Cabe ao pesquisador marxista saber analisar criticamente as ideologias e concepções burguesas visando descobrir os átomos de verdade no universo de falsidades do pensamento burguês. Marx (1988) fez isso amplamente em sua crítica da economia política, como se vê em sua obra máxima, *O Capital*.

ao marxismo. Assim, quando muitos que se dizem marxistas ou analistas do pensamento marxista e usam termos fora do seu campo linguístico⁶ para interpretá-lo ou expressar suas concepções, estão deformando o marxismo. Isso traz a necessidade de resgatar o campo linguístico marxista e, ao mesmo tempo, realizar a crítica do campo linguístico burguês e de sua exportação para o marxismo. O objetivo do presente texto não é realizar tal discussão e sim focalizar a concretização desse processo através da análise do uso de dois termos mais especificamente: “sistema capitalista” e “subjetividade”, bem como termos complementares a estes⁷. Sem dúvida, a análise desses dois casos específicos contribui com a compreensão do processo mais geral de assimilação do marxismo pelo episteme burguesa (seja por ideologias ou concepções declaradamente burguesas, seja pelo pseudomarxismo) e assim a análise de casos particulares enriquece a compreensão da questão mais ampla e geral, bem como vice-versa.

Existe um “Sistema Capitalista”?

É muito comum a referência de diversos pesquisadores e autores (marxistas, pseudomarxistas, não-marxistas) ao “sistema capitalista”. O fato de que Marx nunca tenha utilizado tal expressão em seu significado atual ou de acordo com as ideologias reprodutivistas parece não ter a menor importância⁸, apesar dele ser a referência teórica e autor citado como a fonte dessa concepção. Se Marx não usou o termo no significado atual, então ele usou em outro significado? Qual seria esse significado?

⁶ O que significa que não houve assimilação, ou seja, absorção ao seu campo linguístico próprio.

⁷ Uma análise mais aprofundada sobre esses aspectos, tanto no plano teórico quanto histórico, pode ser vista no livro *O Modo de Pensar Burguês* (VIANA, 2018) e na obra que desenvolve historicamente esse processo, *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* (2019), respectivamente.

⁸ Marx utilizou a expressão “sistema” em dois contextos. O primeiro contexto é quando ele se refere ao “sistema colonial” em *O Capital* (1988); o segundo é quando se refere ao mundo da ideologia, aos sistemas de pensamento dos neohegelianos (MARX; ENGELS, 1982). No primeiro caso, ele usa um termo já utilizado por outros e sem ter o caráter de um conceito, é apenas uma expressão descritiva. No segundo caso, ele não aprofunda o significado, mas concebe “sistema” como uma “totalidade de pensamento” abstratificado e falso marcado por uma sistematicidade. A sua concepção de ideologia é justamente a de um “sistema de pensamento ilusório”. Ele usou também, em *O Capital*, o termo “sistema” para se referir a alguns aspectos do capitalismo, como o sistema de crédito. O termo “sistema capitalista” aparece em algumas poucas passagens dos volumes que foram organizados e publicados por Engels e o significado da palavra “sistema”, nesse contexto, é obviamente muito diferente do que se usa atualmente e nas ideologias do paradigma reprodutivista (teoria dos sistemas, funcionalismo, etc.), tendo um significado equivalente ao de sociedade.

Marx utilizou a expressão “sistema” em dois contextos. O primeiro contexto é quando ele se refere ao mundo da ideologia, aos sistemas de pensamento dos neohegelianos (MARX; ENGELS, 1982). No segundo caso, ele não aprofunda o significado, mas concebe “sistema” como uma “totalidade de pensamento” abstratificado e falso marcado por uma sistematicidade. A sua concepção de ideologia é justamente a de um “sistema de pensamento ilusório” (VIANA, 2011; MARQUES, 2020). Aqui o termo “sistema” remete para uma forma específica de totalidade, que é fechada e centralizada, que é um produto artificial, pois é um sistema de pensamento e, por conseguinte, é uma delimitação deste. Sistema, nesse contexto, quer dizer uma totalidade de pensamento complexa, fechada e centralizada. Nessa forma de pensamento, existe uma complexidade, o que a distingue das representações cotidianas, já que possui uma elaboração que promove diversos graus de raciocínio, relações diversas internas, entre outros processos. Porém, ela possui um “centro”, seja a “alienação”, a “crítica” ou qualquer outro⁹, e se fecha em torno desse centro, que, como o sol, faz tudo girar em torno dele¹⁰. Nesse sentido, existe “sistema”, pois é uma forma de manifestação do pensamento (uma totalidade fechada e centralizada), mas não existe para além dele. E a ideologia, por ser um sistema, um produto artificial do pensamento com tais características, é ilusória. Ou seja, a ideologia, enquanto forma, é ilusória. Do mesmo modo, o seu conteúdo só pode ser ilusório, porquanto sua forma já traz em si a ilusão. Assim, mesmo que o ideólogo se aproxime da realidade e mostre aspectos dela, a forma é um obstáculo para seu desenvolvimento. O conteúdo do seu pensamento, no entanto, possui outras determinações e geralmente aponta para a sistematização de representações cotidianas ilusórias, tal como Marx (1988) apontou no caso dos economistas.

⁹ A reflexão de Marx ocorre no contexto da crítica ao neohegelianismo e, por conseguinte, esses termos eram centrais para os representantes de tal tendência. Porém, obviamente que Marx aponta para outras ideologias, com outras “centralidades”, tal como sua crítica posterior à economia política ou ao pensamento de Proudhon.

¹⁰ Aqui é preciso destacar uma outra confusão que o pseudomarxismo realiza que é o uso do campo linguístico burguês ao lançar mão da ideia de “centralidade”. Se um ideólogo burguês lança alguma obra questionando, por exemplo, a “centralidade do trabalho”, logo aparece um pseudomarxista defendendo a tese oposta usando a mesma linguagem. O fato de não se tratar de “centralidade”, uma noção espacial e não dialética no sentido metodológico, e não se tratar do “trabalho”, passa despercebido e aí a discussão ocorre no âmbito das ideologias burguesas, já não tendo muito a ver com o marxismo, apesar da “boa vontade” e “boas intenções” de alguns pseudomarxistas.

O segundo uso do termo “sistema” por Marx tem outro significado. Ele usa, por exemplo, sob a forma de um termo já utilizado por outros e sem ter o caráter de um conceito, sendo apenas uma expressão descritiva, tal como no caso da expressão “sistema colonial” em *O Capital* (1988). Aqui é necessário entender o uso conjuntural de um termo, que se distingue de um uso estrutural (VIANA, 2009b). O “sistema colonial” não tem um significado equivalente a “modo de produção”, por exemplo. Modo de produção capitalista significa um elemento estrutural do pensamento marxista, enquanto que “sistema colonial” é uma expressão de uso conjuntural e descritivo. Se Marx tivesse desenvolvido o conceito de colonialismo, seria diferente. Ele usou também, em *O Capital*, o termo “sistema” para se referir a alguns aspectos do capitalismo, como o “sistema de crédito”. Aqui se manifesta o mesmo caso, um uso conjuntural e “descritivo” de uma determinada realidade. Na falta de uma teoria mais desenvolvida sobre a questão do crédito e diante da necessidade de nomear o fenômeno se lança mão de um termo conjuntural, não estrutural do pensamento, o que mostra o caráter ainda insuficiente da reflexão. Da mesma forma, aparece “sistema industrial” e outros termos semelhantes. Isso pode ser explicado pelo fato de que Marx, nesse momento, trabalhava extensivamente com as obras dos economistas da época. Estes, usavam constantemente, sem desenvolvimento conceitual, o termo “sistema”. Isso pode ser visto no uso abundante que Adam Smith (1984; 2007) utilizava tal termo, em diversos contextos, como “sistema mercantil”, “sistema feudal”, “sistema de administração”, etc. Marx (1988) cita alguns economistas, como Ure e Gilbert, que também usavam o termo “sistema”. Assim, o uso de Marx da palavra “sistema” não é no sentido de um conceito e sim uma expressão usual e descritiva. A fonte era o uso comum do termo pela economia política, apesar de não emergir como construto¹¹, bem como não aparece como conceito no pensamento de Marx.

O termo “sistema capitalista” aparece em algumas poucas passagens dos volumes que foram organizados e publicados por Engels e o significado da palavra “sistema”, nesse contexto, é obviamente muito diferente do que se usa atualmente e

¹¹ Construto é uma unidade de um discurso ideológico, ou seja, um termo que, no discurso teórico, seria equivalente a “conceito”, mas, como não expressa a realidade e sim a deforma, é um pseudoconceito. No caso, “sistema”, no seu uso dessa época na economia política, era uma noção, que poderia se desenvolver e assumir a forma de um construto, o que não ocorreu nessa época e só ocorrerá no futuro.

nas ideologias do paradigma reprodutivista (teoria dos sistemas, funcionalismo, etc.), tendo um significado equivalente ao de sociedade. No único volume que Marx publicou em vida o termo “sistema capitalista” não aparece, embora a palavra sistema apareça em outros contextos¹². No paradigma reprodutivista, o termo “sistema” deixa de ser uma noção e passa a ser um construto. O termo sofre uma mutação de sentido e passa a ser um tijolo no edifício ideológico do pensamento burguês, se manifestando através de diversas ideologias, especialmente o funcionalismo sistêmico de Talcott Parsons, Robert Merton e outros sociólogos e cientistas políticos, bem como na chamada “teoria dos sistemas”, que emerge no âmbito do pensamento informacional e comunicação e se expande para outras ciências particulares, inclusive a sociologia (VIANA, 2019).

Em síntese, em *O Capital*, a palavra sistema aparece diversas vezes, mas como expressão conjuntural e descritiva, bem como “sistema capitalista”, nas poucas vezes em que aparece nos volumes organizados por Engels e Kautsky, aparece de forma não-conceitual, conjuntural e como sinônimo de modo de produção capitalista ou sociedade capitalista, termos que igualmente aparecem em todos os volumes da obra¹³. O contexto era de um uso amplo do termo “sistema” na economia política, não como construto e sim uma noção geral sem maior desenvolvimento, que é a forma como aparece na obra de Marx.

Por isso, a questão da existência de um “sistema capitalista” remete ao problema da relação entre marxismo e linguagem, ou, mais precisamente, a assimilação da teoria marxista do capitalismo pela linguagem dominante, ligada a paradigmas e ideologias hegemônicas em determinado momento histórico. Isso remete ao problema do novo significado que o termo “sistema” ganha nas ideologias burguesas e sua centralidade

¹² Inclusive como “sistema de produção”, no qual, pela relação estabelecida com “relações de produção”, aparece como sinônimo de modo de produção. Outro contexto em que tal termo aparece abundantemente é quando ele trata de “sistema de turnos”. O uso comum da palavra “sistema” reaparece nesse caso, tal como expresso pelo próprio Marx (1996, p. 584), no qual cita uma carta ao jornal com o título “o sistema de turnos”: “esse gentleman extremamente inteligente escreveu uma carta ao Glasgow Daily Mail de 25 de abril de 1849, sob o título ‘O sistema de turno’”.

¹³ O termo modo de produção capitalista aparece centenas de vezes, o que é normal por ser o tema de análise de *O Capital* e um conceito estabelecido, enquanto que “sistema capitalista” aparece algumas vezes, bem como “sociedade capitalista”.

em algumas delas, bem como sua inserção no paradigma hegemônico a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, o reprodutivista¹⁴.

Assim, a partir desse momento histórico, muitos marxistas¹⁵, pseudomarxistas e não-marxistas que comentam as obras de Marx e de tudo que se denomina “marxismo” usam abundantemente tais termos como se fossem do campo linguístico da episteme marxista. O que muitos querem dizer com “sistema capitalista” (ou, às vezes, de forma ainda mais abstratificada, apenas “sistema”)? Em termos marxistas, seria mais ou menos o que Marx denominou sociedade capitalista (embora alguns confundam com modo de produção capitalista, que é uma parte dessa sociedade e não sua totalidade, o que seria algo mais restrito, o “sistema de produção”)¹⁶ e alguns sociólogos denominaram “sociedade moderna”, “sociedade industrial”, etc. Como aqueles que fazem tal referência se dizem marxistas (tanto alguns marxistas autênticos quanto alguns pseudomarxistas) ou que estão expressando a concepção marxista (não-marxistas que comentam o pensamento de Marx ou o marxismo), então teria o sentido de “sociedade capitalista”.

E não seria mera questão de palavras? O problema é considerar as questões conceituais e teóricas como “mera questão de palavras”. As palavras carregam significados, produzem mal-entendidos, promovem deformação do pensamento, etc. e isso tem um significado político e social, e em muitos casos acaba servindo para propósitos e ações que contradizem a concepção marxista e a luta pela emancipação humana. Logo, é parte da luta cultural na qual se confrontam a perspectiva burguesa e

¹⁴ “A noção de sistema, ligada às de coerência e de equilíbrio interno, passa para o primeiro plano emprestando-se o protótipo (ou modelo) da linguística” (LEFEBVRE, 1969, p. 67). Lefebvre usa “noção”, mas em nossa linguagem seria “construto” (noção é um pré-construto ou pré-conceito, sendo que sua transformação em um ou outro dependerá de seu desenvolvimento, que pode ocorrer no interior de uma ideologia ou teoria). Uma análise mais aprofundada sobre o significado do construto de sistema no paradigma reprodutivista pode ser vista em *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* (VIANA, 2019).

¹⁵ Esse é o caso de Paul Mattick (2020).

¹⁶ O conceito de sociedade em Marx remete ao que ele denominou “conjunto das relações sociais” (1989), que seria composta pelo modo de produção dominante, formas sociais e modos de produção subordinados. Assim, o conceito de capitalismo pode se referir ao modo de produção capitalista ou à sociedade capitalista.

a perspectiva do proletariado¹⁷. Isso é ainda mais grave no que se refere ao caso de um saber noosférico determinado, pois o campo linguístico deste constitui uma totalidade significativa, cuja importação de termos antagônicos gera a deformação se não houver assimilação. A inserção de um construto de alguma ideologia burguesa no universo conceitual marxista, se não for ressignificado ou esclarecido seu significado e uso no interior do mesmo, é uma das formas de deformação do marxismo. Por isso, quando alguém que supostamente defende ou expressa um determinado saber noosférico e importa termos contraditórios em relação a ele, demonstra ou uma incompreensão do mesmo, ou então sua deformação¹⁸.

A palavra sistema emerge como construto a partir da constituição do regime de acumulação conjugado e da emergência do paradigma reprodutivista que o acompanha¹⁹. Nesse período, as tarefas da burguesia para realizar a reprodução do capitalismo apontavam para um estado integracionista (“estado de bem-estar social”) e gerando uma política de integração do proletariado e outras classes via políticas de assistência social, expansão do consumo (foi a época da emergência da ideologia da “sociedade de consumo”), ampliação e intensificação da burocratização das relações sociais, etc. Nesse contexto, o paradigma hegemônico foi o reprodutivista, de caráter holista e que pode ser exemplificado no funcionalismo, estruturalismo, “teoria” dos sistemas, entre diversas outras. Até mesmo as concepções contestadoras e críticas não escaparam desse paradigma hegemônico, como se pode ver na produção da Escola de Frankfurt, no pseudomarxismo em geral, entre outros. É nesse momento que surgiram as ideologias que afirmaram ter havido uma integração da classe operária no capitalismo²⁰.

¹⁷ Bakhtin (1990) foi um dos autores que enfatizou a “lutas de classes em torno do signo” e é disso, precisamente, do que se trata, uma luta de classes que se insere no plano da cultura e da linguagem, reforçando um ou outro lado dessa luta.

¹⁸ A exceção é quando o termo é assimilado, ou seja, recebe uma ressignificação ou adaptação que abole a contradição ou deformação da concepção assimiladora.

¹⁹ Uma análise dos paradigmas numa concepção marxista, e do paradigma reprodutivista, pode ser visto nas duas obras já citadas.

²⁰ A ideia de integração da classe operária ao capitalismo significa que ela se tornaria parte interessada e reprodutora do mesmo sem intenção ou necessidade de transformá-lo. Trata-se, portanto, de uma ideologia e não de uma realidade, pois o proletariado não foi, nem pode ser, integrado no capitalismo.

No entanto, como não poderia deixar de ser, esse mundo ruiu. A mudança que no mundo ideológico se afirmava que não ocorreria, ocorreu. A crise do regime de acumulação conjugado promove a emergência do regime de acumulação integral e o novo paradigma que o acompanha. Isso será abordado adiante. O importante aqui é destacar que a palavra “sistema” emerge como construto e é reproduzido por diversas ideologias (funcionalismo sistêmico exemplificado por Parsons e outros sociólogos e cientistas políticos norte-americanos, a “teoria” dos sistemas, o pseudomarxismo, etc.). É nesse contexto que o uso do termo “sistema” se torna generalizado e invade o pseudomarxismo e outros “críticos da sociedade”²¹. O termo “sistema” fetichizado aparece com tendo vida própria, como algo indestrutível, etc. Isso, por sua vez, é reproduzido pelas representações cotidianas e por indivíduos com formação teórica deficiente, que tratam “o sistema” como algo autônomo e independente dos seres humanos reais²². Essa importação terminológica do termo sistema para o marxismo significa transformá-lo numa concepção fetichista, ou seja, sua deformação.

Parsons é um dos ideólogos que desenvolveram essa concepção fetichista de sistema. Segundo ele, os sistemas sociais se caracterizam por possuir um objetivo e por isso constitui padrões que servem para a integração e a reprodução. Assim, “o sistema” passa a ser visto sob forma fetichista, tendo um “objetivo”, que deixa de ser atributo dos seres humanos e passam a ser atributo desse termo reificado.

O conceito de sociedade é muito mais concreto e bem mais difícil de ser transformado em fetiche. No caso do marxismo, é o termo utilizado por Marx e não existe nenhum motivo para trocá-lo por “sistema”, um construto de outras ideologias. A importação terminológica, sem ressignificação ou inserção isolada, quando é realizada sem nenhuma necessidade, como é o caso do construto “sistema”, não tem nenhum sentido e é um empobrecimento de uma teoria muito mais ampla e que expressa a realidade ao invés de deformá-la com construtos fetichistas.

²¹ Até Marcuse (1967) que denunciou os usos da linguagem para a reprodução do poder não escapou da reprodução do campo linguístico hegemônico, tal como se vê no seu uso do termo sistema e o uso abundantemente do termo “sociedade industrial”, um produto da sociologia conservadora norte-americana que carrega determinado significado ideológico e é, também, um eufemismo para sociedade capitalista.

²² No plano da ideologia, é o que se vê nas concepções de alguns sociólogos, economistas, etc., e por pseudomarxistas, tal como Santos (1988).

Por isso não deixa de ser curioso que supostos “marxistas” usem tais termos, gerando advindos de inspiração funcionalista. Assim, é necessário resgatar o marxismo das deformações dos pseudomarxistas e não-marxistas, e esse resgate pressupõe a utilização do campo linguístico próprio do marxismo e crítica do campo linguístico burguês.

Assim, a autonomia intelectual do marxismo defendida por Labriola, Rosa Luxemburgo, o jovem Lukács e outros, precisa ser mantida e um dos elementos fundamentais para tal manutenção é a percepção crítica de seus campos mentais e não confusão com os demais, sendo que o campo linguístico é, na maioria das vezes, a porta de entrada de concepções ideológicas no interior do marxismo. Torna-se fundamental, por conseguinte, um processo de análise crítica do campo linguístico, tanto o marxista quanto o burguês. Além disso, é fundamental a ressignificação de termos oriundos do campo linguístico burguês, e sua adoção apenas quando for estritamente necessário. O termo “inconsciente”, por exemplo, que vem da psicanálise, é necessário, mas deve ser ressignificado. O termo “sistema capitalista”, por sua vez, não serve a nenhuma necessidade do marxismo, porquanto já possui os conceitos de *sociedade capitalista* e *modo de produção capitalista* e sua adoção seria apenas abrir a porta para confusões e deformações.

Existe Subjetividade?

A derrocada do regime de acumulação conjugado significou também a derrocada do paradigma reprodutivista. O holismo, o objetivismo, bem como os construtos de “estrutura”, “sistema”, entre outros, entraram em desuso ou foram subordinados aos novos construtos do novo paradigma hegemônico: o subjetivismo. O pós-estruturalismo trouxe vários elementos que são típicos do novo paradigma. O novo paradigma, por sua vez, traz novos construtos, entre os quais se destacam “sujeito”, “subjetividade”, “subjetivação”.

Esse processo é resultado de mudanças sociais concretas. A passagem do regime de acumulação conjugado para o regime de acumulação integral explica a mutação cultural por trazer novas tarefas políticas e econômicas para a burguesia. A derrocada

do chamado “Estado de Bem-Estar Social” e a ascensão do neoliberalismo, bem como a passagem do fordismo para o toyotismo, acompanham a luta cultural que já se realizava no final dos anos 1960, momento em que a cultura contestadora e as lutas estudantis e operárias avançaram e ameaçaram a realizar revoluções. A rebelião estudantil de Maio de 1968 foi o momento culminante desse processo e marcou o início de uma contrarrevolução cultural preventiva (VIANA, 2009a)²³, enfraquecendo não apenas o intervencionismo estatal, mas também o paradigma reprodutivista e ideologias correspondentes, especialmente o estruturalismo. Nesse contexto, emerge o pós-estruturalismo e outras ideologias críticas do estruturalismo e defensoras de concepções subjetivistas. A época do holismo e objetivismo é substituída pela era do atomismo ou pluralismo e do subjetivismo.

O paradigma reprodutivista entra em crise e a possibilidade do marxismo, que ressurgiu no bojo dessas lutas, faz com que os ideólogos comecem a produzir alternativas, recuperando temas das lutas sociais, mas deformando-os (a crítica da razão instrumental se torna crítica da razão em geral, a crítica do cotidiano capitalista se transforma em crítica da cotidianidade, etc.). Nesse contexto, as instituições e organizações são questionadas e o sujeito – ora o indivíduo, como nas formas do neoliberalismo e outras ideologias – ora o(s) grupo(s) social(is). O paradigma reprodutivista é substituído pelo paradigma subjetivista. Trata-se, obviamente, de uma substituição de paradigma hegemônico, pois outros paradigmas, mesmo que marginalizados, continuam existindo. Inclusive emergem as concepções ecléticas, unindo elementos do antigo e do novo paradigma²⁴. O paradigma subjetivista se torna hegemônico e o paradigma reprodutivista e suas ideologias correspondentes vão perdendo espaço paulatinamente.

A reestruturação produtiva, que emergirá, alguns anos depois, em consonância com o neoliberalismo, foi expressão da nova estratégia burguesa, que tem nas

²³ Veja também: <http://informecritica.blogspot.com.br/2015/08/a-essencia-contrarrevolucionaria-do-pos.html> e principalmente *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas* (VIANA, 2019).

²⁴ Alguns adeptos da ideologia estruturalista tentam, por exemplo, salvá-la apelando para a inclusão de elementos “subjetivos” ou, no caso do pseudomarxismo estruturalista, da “luta de classes”, como fez o próprio Althusser (1984).

ideologias subjetivistas o seu complemento. A reestruturação produtiva emerge com o discurso da “flexibilidade”, da “participação dos trabalhadores”, bem como o neoliberalismo vai marcar a busca de não intervenção estatal e transferência para a sociedade civil de iniciativas que eram suas, que é o momento de surgimento das ONGs (Organizações Não-Governamentais), e discursos do voluntariado, que vai desembocar, logo depois, em diversas outras iniciativas e discursos (até chegarmos aos discursos do protagonismo, empreendedorismo, empoderamento, etc.). A ideia de fragmentação e pluralismo, inclusive de “múltiplos sujeitos”, emerge, bem como a profusão do uso do plural para tudo. Emerge, nesse contexto, a chamada “política de identidades” e “multiculturalismo”, entre outros discursos subjetivistas.

O subjetivismo joga para o sujeito a responsabilidade da produção de ideias, da ação política, etc. O sujeito pode ser tanto o indivíduo do liberalismo e neoliberalismo, quando os grupos sociais que se tornam “múltiplos sujeitos”, que segundo muitos poderiam ser “revolucionários”, mas segundo a maioria, devem falar por si mesmos, como já diziam Foucault (1989) e Guattari (1981) e depois se espalhou por várias outras ideologias e doutrinas, até atingir os movimentos sociais (CARVALHO, 2015). Assim, as ideologias correspondentes ao paradigma subjetivista, como o neoliberalismo, pós-estruturalismo, multiculturalismo, bem como as diversas formas de manifestação do culturalismo, apontam para a ideia de que são os sujeitos, seus desejos, suas ações, suas “vivências”, seus sentimentos (ou “afetos”), suas identidades, que constituem o elemento fundamental e que explicam os movimentos sociais, os indivíduos, etc.

As ideologias, representações, discursos emergentes passam a enfatizar os sujeitos e sua subjetividade, geralmente abstratificados, ou seja, fora das relações sociais e história (não sem contradições e ambiguidades)²⁵. Assim, surgem diversas ideologias que invertem a realidade e a transformam em “construção cultural”, derivando daí o discurso ideológico da “desconstrução”, que é apenas uma variante do paradigma subjetivista²⁶. E isso fica mais fácil com o discurso irracionalista, anti-intelectualista, entre

²⁵ Inúmeras contradições são visíveis em diversas ideologias, concepções e discursos. Esse é o caso, por exemplo, do discurso da identidade. Esse combate o essencialismo biológico, mas acaba gerando um essencialismo cultural, transformando a identidade em essência (cf. YOUNG, 2002; VIANA, 2013).

²⁶ O chamado “desconstrucionismo” surge com a ideologia de Jacques Derrida, sendo uma das manifestações do pós-estruturalismo. A difusão de tal ideologia se tornará cada vez mais ampla e assim o ideia-chave de

outros, que apontam para a recusa da razão e da teoria, o que fortalece a ignorância, a presunção, o sentimentalismo, e que são os indivíduos que sabem por si próprios, abstraído que sua formação mental é um produto social. Essas ideologias são simplificadas, difundidas, popularizadas, passando do saber noosférico para as representações cotidianas, via universidades, meios oligopolistas de comunicação, ativistas de movimentos sociais, etc. Nesse contexto, os indivíduos têm dificuldade em entender que o discurso que eles acataram segundo o qual eles mesmos produzem suas ideias, foi produzido em outro lugar, por outras pessoas, ou seja, pelo aparato estatal, fundações internacionais, ideólogos, etc. (VIANA, 2015; VIANA, 2019).

No que se refere ao pensamento de Marx e ao marxismo, emerge o mesmo problema que o existente em relação ao termo “sistema”. O termo básico que muitos marxistas passaram a utilizar foi o de “subjetividade”. Marx poucas vezes usou os termos “sujeito” e, menos ainda, seus derivados. O termo “subjetividade”, por sua vez, nunca foi usado por Marx no sentido atual da palavra e, muito menos, como conceito, ou seja, elemento estrutural do seu pensamento²⁷.

Alguns pseudomarxistas usaram tal termo, mostrando a influência de determinadas ideologias e incompreensão da teoria da consciência de Marx. Este foi bem claro ao explicitar que a consciência só pode o ser consciente, ou seja, o indivíduo real, que é histórico e social. Sair disso, segundo ele próprio, é imaginar “um espírito à parte” (MARX; ENGELS, 1982). Ora, a ideia de subjetividade é justamente um “espírito à parte”, algo metafísico, fora das relações sociais e da história.

No Brasil, o filósofo Paulo Silveira (1978) publicou um livro interessante que realiza uma crítica a Althusser, um reprodutor do paradigma reprodutivista. Alguns anos depois, ele organizou uma coletânea intitulada “*Elementos para uma Teoria Marxista da Subjetividade*” (1989). Isso é sintomático de como a mudança de paradigma atinge os ditos “marxistas” e assim como o modismo estruturalista atingiu Althusser, o modismo

“desconstrução”, oriunda dessa concepção, acaba se espalhando pela sociedade e invadindo os meios oligopolistas de comunicação e movimentos sociais, embora, nesse caso, de forma simplificada.

²⁷ Uma das poucas passagens que é possível ver a palavra “subjetividade” nos escritos de Marx, tal como nos *Manuscritos de Paris*, é comentando a obra de Hegel e, por conseguinte, enquanto termo constitutivo do pensamento alheio e não do próprio pensamento (MARX, 1989).

subjetivista atingiu Silveira. Em outras palavras, fugiu do paradigma reprodutivista e caiu no paradigma subjetivista.

O curioso é que supostos “marxistas” reproduzam tais teses ideológicas. O indivíduo, ao invés de ser um ser social e histórico, aparece com um ente metafísico, bem como a consciência. Ou então o grupo social. O termo “subjetividade” é metafísico e a dificuldade em sua definição já mostra isso, a começar por diversos artigos em que tratam desse suposto “fenômeno”, sem nunca o definir. Outros trocam, sem nenhum motivo ou justificativa, os conceitos usados por Marx, como consciência e pensamento, por “subjetividade”. E nenhum marxista apresentou, pelo que saibamos, uma definição de tal termo. Uma das razões disso é sua incompatibilidade com o materialismo histórico e sua teoria da consciência. Os usos dos pseudomarxistas desse termo também releva uma forte ambiguidade e incapacidade de trabalhar com os conceitos do materialismo histórico.

Essa importação de um construto para a concepção marxista não realiza nenhum acréscimo e ainda traz confusão e aproximação do marxismo com ideologias hegemônicas, gerando interpretações equivocadas e mais uma deformação do pensamento de Marx. A ênfase na subjetividade, o que gera a sua força como ideia-chave, é a nova moda ideológica que emerge a partir dos anos 1970 e se consolida na década seguinte e se torna hegemônica a partir dos anos 1990. O nome “subjetividade” nem sempre aparece, mas passa a ser universalmente presente no seu significado. A proliferação do uso do termo é cada vez mais intensa. Isso é comum quando emerge uma ideia-chave de ideologias e do paradigma hegemônico, assim como “estrutura” e “sistema” durante o regime de acumulação conjugado e hegemonia do paradigma reprodutivista.

Assim, o uso do termo subjetividade e sua atribuição à Marx é uma deformação do pensamento deste. Se ele não usou tal termo (como conceito ou como elemento do seu pensamento), então não se deve interpretar o pensamento dele utilizando linguagem que não é a dele. Quando se analisa um autor, se utiliza a sua linguagem, ou seja, os signos e significados que ele utiliza. Usar outros signos e significados, quando se trata de ideias do autor, é deformá-lo e criar elementos para não compreendê-lo.

Sem dúvida, alguns marxistas buscam ressignificar o termo subjetividade para adequá-lo ao marxismo. Isso é realizado sob várias formas, mas todas elas repetem o que foi feito na época que o “marxismo” foi subsumido ao estruturalismo, tal como fez Althusser, ou seja, através de uma mescla do pseudomarxismo (geralmente o leninismo) e o novo paradigma hegemônico. Assim, o “sujeito”, essa coisa metafísica e “a subjetividade” aparecem, mesmo que mesclada com a interpretação pobre do pensamento de Marx e sua deformação leninista.

Uma questão que deve ser respondida é por qual motivo emerge tal termo no discurso dos supostos “marxistas”. Em muitos casos, isso ocorre por reprodução espontânea e acrítica do paradigma hegemônico. Em outros casos, por interesses acadêmicos que leva alguns intelectuais a querer se adequar linguisticamente aos modismos ou concepções hegemônicas. Há também os casos que as ambiguidades individuais ou pouco aprofundamento no marxismo permitem esse tipo de processo de importação terminológica. Por fim, há os casos de ideólogos que pretendem, intencionalmente, mesclar o marxismo com ideologias hegemônicas, como, por exemplo, a fenomenologia, o pós-estruturalismo, a psicanálise²⁸, etc.

Se Marx elaborou uma teoria da consciência, tal como se encontra em obras como *A Ideologia Alemã*, e não usou o termo “subjetividade”, isso significa que ele não tem espaço e nem necessidade nessa teoria, tal como já colocava Rossana Rossanda em relação à questão do partido (ROSSANDA, 1973)²⁹. A inserção de um termo estranho ao discurso quando ele é desnecessário significa apenas a sua deformação e assimilação (seja sob a forma de ecletismo ou qualquer outra) por outra concepção.

Por outro lado, a ideia de subjetividade não aparece para preencher uma lacuna na teoria da consciência de Marx e sim mesclá-la com outras concepções. Sem dúvida, é

²⁸ O termo subjetividade emerge na psicanálise através de Lacan. No entanto, trata-se de uma versão estruturalista e objetivista da subjetividade (que remete para a linguagem e o simbólico no sentido metafísico da psicanálise estruturalista) e retorna de acordo com o novo paradigma hegemônico, inclusive promovendo leituras sobre “subjetividade” em Freud, sendo que este nunca usou tal termo e não necessitasse dele para criar sua concepção de “aparelho psíquico”. É o processo de assimilação de pensadores passados por ideologias hegemônicas contemporâneas. O mesmo Lacan fez com Freud, visando adaptá-lo ao estruturalismo (ALTHUSSER, 1991) e depois ao pós-estruturalismo.

²⁹ “Segundo Rossana Rossanda, se não há em Marx uma teoria do partido é porque na sua teoria da revolução não há espaço e nem necessidade para ela” (VIANA, 2012, p. 47).

possível colocar que Marx não desenvolveu análises sobre determinados processos mentais, tais como alguns que a psicanálise vai trabalhar posteriormente, mas não é possível confundir isso com a sua teoria da consciência. O inconsciente, por exemplo, não foi abordado por Marx, mas é um fenômeno extra-consciente e, como tal, não é necessário, a não ser que se queira ir além deste pensador e analisar elementos que ultrapassam o que ele se propôs a discutir. Isso, por exemplo, foi realizado pelo chamado “freudo-marxismo” e este não deformou o pensamento de Marx³⁰ nesse processo, no sentido de que não atribuiu a ele o uso de um termo que não era parte do seu universo conceitual e sim um acréscimo explicitamente apresentado e vinculado com outra concepção, a psicanálise freudiana. E isso não alterava em nada a teoria da consciência de Marx.

O uso do termo subjetividade (e mais ainda sua atribuição à Marx) é uma importação ilegítima e incoerente, especialmente no sentido que tal expressão ganha nos discursos ideológicos contemporâneos. A ideia de subjetividade tal como desenvolvida contemporaneamente entra em contradição com a teoria de Marx, pois ela é geralmente abstratificada, fetichista, e mesmo quando escapa dessa característica, não vai além do que ele já havia apontado em sua teoria da consciência, mas prestando-se a confusões com ideologias antagônicas.

Além disso, o uso do termo subjetividade para tratar do pensamento do Marx ou abordar o marxismo não preenche uma lacuna, mas realiza uma substituição, que é a da teoria marxista da consciência por uma concepção subjetivista, metafísica, abstratificada. Isso é visível quando alguns pseudomarxistas tematizam a “captura da subjetividade” do trabalhador (ALVES, 2008). Ao buscar discutir, numa perspectiva supostamente “marxista”, a questão da subjetividade, lança mão da psicanálise, numa

³⁰ Neste contexto, pois, sem dúvida, muitos freudo-marxistas deformaram o pensamento de Marx ao interpretá-lo erroneamente, especialmente a partir do leninismo ou do materialismo mecanicista, ou, ainda, por substituí-lo pelo freudismo, restando apenas aspectos incoerentes do mesmo. Isso, no entanto, depende de qual autor se trata na lista extensa de “freudo-marxistas”. No contexto acima aludido, trata-se dos freudo-marxistas que reconheceram que Marx não usou termos como “inconsciente” e nem aprofundou sobre tais questões, o que significa que, concorde-se ou não com o desenvolvimento que oferecem a partir da relação entre marxismo e psicanálise, que não se atribuiu ao pensador algo que não é dele (e que muitas vezes não é coerente com o seu pensamento, o que torna a questão mais grave e é o que tratamos aqui).

interpretação confusa de Freud mediada (e, no fundo, substituída) pela interpretação e linguagem de pós-freudianos.

Em Freud, não há uma discussão sobre “subjetividade” e sim sobre o “aparelho psíquico”. É Lacan e outros que buscarão efetivar uma discussão em torno desse termo. Assim, numa mistura de ideias freudianas com pós-freudianas (e até mesmo Foucault), se coloca “subjetividade” como o mesmo que “aparelho psíquico”, embora na primeira versão freudiana do mesmo, deformada com a versão pós-freudiana e com um indigesto ecletismo que é simplesmente decepcionante no final do artigo, pois não acrescentou nada à compreensão da suposta “captura da subjetividade” do trabalho além de afirmações genéricas que foram unidas com termos psicanalíticos.

Em outras palavras, o que se fez, nesse caso, é deformar o pensamento de Marx e Freud simultaneamente e isso sem acrescentar absolutamente nada ao problema que se propôs discutir a não ser generalidades vazias. Nada de concreto se apreende a partir de tal discussão. O processo concreto através do qual o toyotismo atinge a mente dos trabalhadores fica totalmente ausente, embora essa fosse a temática do referido artigo. Assim, quando o intelectual não consegue explicar algo e lança mão de terminologia e saberes externos ao marxismo para realizar uma pseudoexplicação, realiza uma deformação dessa concepção e assim reforça o inimigo que diz combater, mostrando a esterilidade do pseudomarxismo, bem como mostra que quanto mais este se desenvolve e se afasta da realidade concreta, mais se afasta também do marxismo. Todo acréscimo do pseudomarxismo ao marxismo expressa um afastamento maior em relação a ele. Por isso, quanto mais “complexo” ou “desenvolvido” é o pseudomarxismo, mais antimarxista ele se torna.

Considerações Finais

A importação linguística para o interior do marxismo do construto “subjetividade” tem o mesmo significado que o do construto “sistema”: a transformação do “marxismo” em ideologia e a perda do seu significado revolucionário. A assimilação do marxismo pelas ideologias burguesas, seja as holistas ou individualistas, objetivistas ou subjetivistas, significam a sua destruição como expressão teórica do

movimento revolucionário do proletariado e a sua domesticação e abandono de sua radicalidade e criticidade. Por outro lado, quando isso é realizado pelo pseudomarxismo, se torna ainda mais problemático, pois se apresenta como algo “marxista” e por isso vai ter impacto tanto em intelectuais e militantes realmente marxistas quanto naqueles que buscam conhecer e se aproximar de tal concepção.

E isso é ainda mais problemático por surgir, em muitos casos, “espontaneamente”, quando a importação linguística é de um termo que é parte do paradigma hegemônicas e suas ideologias correspondentes. A sedução da moda, os interesses pessoais ligados à carreira acadêmica, a força dos meios oligopolistas de comunicação, a reprodução dos chavões, entre outros processos, acabam se tornando uma arma poderosa da classe dominante para enfraquecer, domesticar, deformar, o pensamento revolucionário de nossa época, o marxismo. É por isso que a autorreflexão sobre o marxismo é fundamental e algo que deve ser cotidiano, realizando uma verdadeira “prudência epistêmica” para não cair nas armadilhas ideológicas do capital e não servir como cavalo de Troia no interior da episteme marxista.

Assim, essa importação linguística deve ser criticada e superada, pois essa superação é parte da luta pela transformação radical e total das relações sociais. A autonomia intelectual do marxismo defendida por vários marxistas precisa ser retomada e é preciso estender essa percepção para a necessidade de autonomia do seu campo linguístico (que pode e deve se desenvolver, mas sob forma coerente com sua essência e finalidade), mesmo porque este está entrelaçado, necessariamente, com os demais campos mentais que formam a totalidade do marxismo. Somente esse processo pode garantir a autenticidade do marxismo e evitar sua deformação, o que significa dizer que apenas dessa forma ele se mantém revolucionário, e, por fim, é preciso deixar claro parafraseando Marx em seu dito sobre o proletariado, que o *marxismo ou é revolucionário ou não é nada*.

Referências

ALTHUSSER, Louis. *Freud e Lacan, Marx e Freud*. 3ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 1991.

- ALTHUSSER, Louis. *Lênin e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Mandacaru, 1984.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 5ª edição, São Paulo: Hucitec, 1990.
- CARVALHO, Daniel. Subjetivismo e Movimentos Sociais ou Quando o feitiço vira contra o feiticeiro. *Revista Posição*. Vol. 02, num. 05, 2015. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rpo/article/view/2carvalho5/194>
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 8.ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. São Paulo: Difel, 1976.
- KAUTSKY, Karl. *As Três Fontes do Marxismo*. 2ª edição, São Paulo, Centauro, 2002.
- KAUTSKY, Karl. *Ética e Concepção Materialista da História*. 2ª edição, Córdoba: PYP, 1980.
- KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto: Afrontamento, 1977.
- LEFEBVRE, Henri. *Posição: Contra os Tecocratas*. São Paulo: Documentos, 1969.
- LÖWY, Michael. *As Aventuras do Barão de Münchhausen: Marxismo e Positivismo na Sociologia do Conhecimento*. São Paulo: Busca Vida, 1987.
- LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Elfos, 1989.
- MAIA, Lucas. *Leitura Epistêmica de O Capital*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2021.
- MAIA, Lucas; VIANA, Nildo. Marxismo e Teoria do Capitalismo: um universo conceitual em expansão. *Revista Espaço Livre*, vol. 15, num, 2020.
- MARCUSE, H. *Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.
- MARQUES, Carlos Henrique. Marx e a Questão da Ideologia. In: GOMES, Marcus (org.). *Marx e a Questão da Consciência*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.
- MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. 2ª edição, São Paulo: Global, 1989.
- MARX, Karl. *O Capital*. 3ª edição, 5 vols. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da Economia Política. Vol. 01. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- MARX, Karl; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. 3ª Edição, São Paulo: Ciências Humanas, 1982.
- MATTICK, Paul. O Marxismo. Passado, Presente e Futuro. In: MATTICK, Paul; GOULDNER, Steven. *O Marxismo na História*. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

- PARSONS, Talcott. *O Sistema das Sociedades Modernas*. São Paulo: Pioneira, 1974.
- ROSSANDA, Rossana. *De Marx a Marx*. In: *Teoria Marxista del Partido Político*. Vol. 03, Cuadernos de Pasado e Presente. Córdoba: Siglo XXI, 1973.
- SANTOS, Theotônio dos. *Forças Produtivas e Relações de Produção*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- SILVEIRA, Paulo; DORAY, Bernard (orgs.). *Elementos para uma Teoria Marxista da Subjetividade*. São Paulo: Vértice, 1989.
- SILVEIRA, Paulo. *Do Lado da História*. Uma Leitura Crítica da Obra de Althusser. Petrópolis: Polis, 1978.
- SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. São Paulo: Nova Cultural, 1984.
- SMITH, Adam. *An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations*. New York: Metalibre, 2007.
- VIANA, Nildo. *A Consciência da História*. Ensaio sobre o Materialismo Histórico-Dialético. 2ª edição, Rio de Janeiro: Achiamé, 2007.
- VIANA, Nildo. *Cérebro e Ideologia*. Uma Crítica do Determinismo Cerebral. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.
- VIANA, Nildo. *Hegemonia Burguesa e Renovações Hegemônicas*. Curitiba: CRV, 2019.
- VIANA, Nildo. Hegemonia e Luta Cultural. *Sociologia em Rede*. Vol. 05, num. 05, 2015. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/4viana5b/261>
- VIANA, Nildo. *Linguagem, Discurso e Poder* – Ensaio sobre Linguagem e Sociedade. Pará de Minas: Virtualbooks, 2009b.
- VIANA, Nildo. Naturalização e desnaturalização: o dilema da negação prático-crítica. *Revista Espaço Livre*. v. 8, n. 15, jan. jun./2013. Disponível em: <http://redelp.net/revistas/index.php/rel/article/view/51/46>
- VIANA, Nildo. *O Capitalismo na Era da Acumulação Integral*. São Paulo: Ideias e Letras, 2009.
- VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês*. Episteme Burguesa e Episteme Marxista. Curitiba: CRV, 2018.
- VIANA, Nildo. *O Que é Marxismo?* Florianópolis: Bookess, 2012.
- YOUNG, Jock. *A Sociedade Excludente*. Exclusão Social, Criminalidade e Diferença na Modernidade Recente. Rio de Janeiro: Revan, 2002.